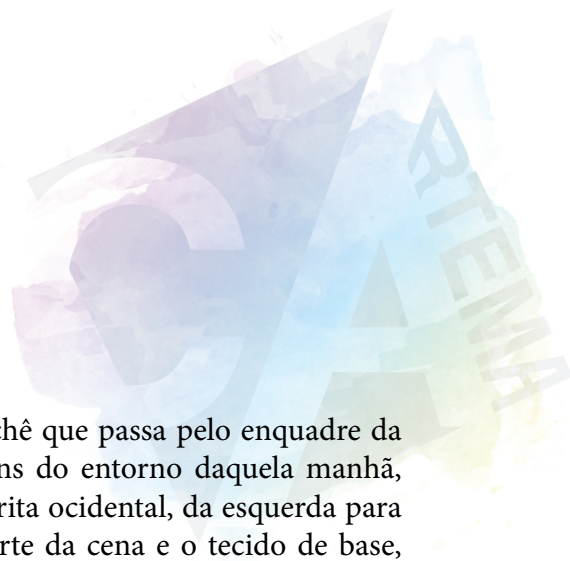


Corrente ¹

CARMEN LÚCIA CAPRA ²

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)



O ensaio visual apresenta um fio tecido em crochê que passa pelo enquadre da câmera. Filmado em um dia de sol, com os sons do entorno daquela manhã, foca o movimento da corrente no sentido da escrita ocidental, da esquerda para a direita. Sem contexto visual maior que o recorte da cena e o tecido de base, há começo e fim entremeados pelos emaranhados, pelos vãos e pelo grafismo animado que se forma na sombra.

A trama em crochê tem uma grafia com irregularidades e foi feita ainda em 2013 com uma agulha muito grossa e um fio muitíssimo fino. Produzida durante os deslocamentos feitos de ônibus na vida de professora, a corrente tra-duz algo dos trechos percorridos entre Caxias do Sul, Montenegro e Porto Alegre (RS). Tradução inclina-se ao sentido de verter ou recriar atribuído por Sandra Corazza (2015) à “didática da tradução”, sendo que tradução permite ecoar algo que veio do trânsito da vida-docência-arte e didática abre um jogo com as ideias de condução, instrução e correção da própria corrente e seus eventos. Os ajustes e desajustes, assim, podem remeter a temas próximos à docência. Por outro lado, o contexto particular pode deslocar-se para dar a vez ao fio que corre e se duplica diante dos olhos.

Falar em grafia no crochê é aproximar o gesto de tecer ao ato muscular da escrita, para pensar com Roland Barthes (2004). As mãos que estiveram entre segurar a agulha, esticar e lançar o fio, fabricando a escrevedura, agora fazem passar a

¹ Vídeo disponível em <<https://youtu.be/SIknlxYFgck>>. Compõe a pesquisa “Quantidades de substância, ar da palavra”, iniciada em 2021. Com interesse em modulações de intensidades, por exemplo de tempo, quantidade e tamanho, especula possibilidades de escrita e imagem que abrangem escrita, crochê, fotografia e vídeo.

² Doutora e mestra em Educação pela UFRGS e licenciada em Educação Artística pela UCS. Atualmente é professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS. Compõe o Núcleo Educativo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS e o Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência - Arteversa/UFRGS. Lidera o Gupo de Pesquisa Flume Educação e Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em educação em artes visuais e formação docente. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7109666867033767>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0185-7634>. E-mail: carmen-capra@uergs.edu.br.

corrente ao olhar. Ainda que comece e termine em uma ordenação linear do tempo daquela linha, o vídeo sugere a possibilidade de repetição, transgredindo um pouco a sua finitude pela virtualidade de um novo começo.

Contribui aos sentidos do trabalho o que Barthes (1987, p. 83) fala sobre um texto ou uma arte necessitarem de sua sombra, que é “um pouco de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito: fantasmas, bolsos, rastos, nuvens necessárias”. O autor então segue dizendo que, em um texto no qual se queira fertilidade, “a subversão deve produzir seu próprio claro-escuro”. Desta forma, no vídeo *Corrente*, o claro-escuro está no duplo da linha tramada e em movimento, seu desenho, projeção e abertura.

É possível pensar na linha que foi escrita no passado agora alçada ao primeiro plano da visão, justapondo dois intervalos de tempo. Mas também há duas linhas, a tecida e a sua sombra, tanto deformada quanto idêntica, como camadas que se unem e se distanciam, brincando. Desenho animado, deslizante ou aos solavancos sobre o pano marcado, o vídeo concentra passagens para ver. Linhas de ações, enredos de tempos.

Para Michel Foucault (2011, p. 37), as coisas e a linguagem têm em comum as relações espaciais. Relações como “o afastamento, a distância, o intermediário, a dispersão, a fratura, a diferença”, são o que fazem a linguagem falar. Permitem à linguagem “deslizar sobre si mesma” no espaço e permitem ao espaço transportar-se e se metamorfosear na linguagem. Pode ser que *Corrente* faça isso de forma visível e quase palpável na evocação simultânea das relações espaciais comuns às coisas e à linguagem. O crochê, que nasce como uma escrita espacial, no vídeo é o espaço-tempo que permite pulsar a distância entre a linha tramada e seu duplo, sugerindo na forma de imagem “a medida desmesurada da distância em alerta” onde a linguagem fala. Ainda sob o mesmo texto de Foucault, tais aproximações e distâncias, podemos, apenas, velar.

Referências

BARTHES, Roland. Variações sobre a Escrita. In: BARTHES, Roland. **Inéditos**. Teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Vol.1.

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CORAZZA, S. M. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrileitura da diferença). **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 105–122, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642420>. Acesso em: 3 fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. A Linguagem do Espaço. In: FOUCAULT, Michel. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Manoel Barros da Motta, Organizador. Ditos & Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.



Submissão: 29/07/2022

Aprovação: 12/11/2022